

**A SIMPLICIDADE EM VERSOS LIVRES:
UMA ANÁLISE DO
POEMA CAMELÔS, DE MANUEL BANDEIRA**

Bianca Estevam Veloso Ferreira (PG – UFMS)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise do poema “Camelôs” de Manuel Bandeira, publicada na obra *Libertinagem*, de 1930, com o intuito de observar a forma como o escritor desenvolve sua poética de cunho simples e corriqueiro. Para isso será apresentado um breve percurso histórico pelo modernismo, demonstrando como o poeta se inseriu neste movimento, e como este influenciou diretamente em sua escrita. *Libertinagem* é a obra em que o movimento modernista é refletido com mais força, onde o poeta “atinge uma elevada emoção poética através das palavras mais simples do dia-a-dia”. (ARRIGUCCI, 2009:15).

Palavras-chave: *Modernismo; simplicidade; Libertinagem;*

ABSTRACT: This work aims to conduct an analysis of the poem "Camelôs" of Manuel Bandeira, published in the book *Libertinagem*, 1930, in order to observe how the writer develops his poetic nature of simple and commonplace. To this will be presented a brief history by modernism, showing how the poet entered in this movement, and how it directly influenced in his poetic writing and tuning. *Libertinagem* is a work in which the modernist movement is reflected more strongly, where the poet "reaches a high poetic emotion through the words the simplest day to day". (ARRIGUCCI, 2009:15).

Keywords: *Modernism; simplicity; Libertinagem;*

1-INTRODUÇÃO

Considerado um dos maiores poetas brasileiros, Manuel de Souza Bandeira Filho nasceu no dia 19 de abril de 1896, em Recife. Sua primeira obra *A cinza das horas* foi publicada em 1917, possuindo ainda alguns aspectos do Romantismo e Simbolismo. Nos dois próximos livros publicados, *Carnaval* e *Ritmo Dissoluto*, o poeta inicia-se na prática do verso livre. Bandeira sofreu

influências em meio às novas idéias que estavam surgindo desde 1915 em que muitos acontecimentos literários e editoriais impulsionaram entre a intelectualidade brasileira alguns ideais que viriam a constituir a base do projeto modernista. Dessa forma *Ritmo Dissoluto*, publicado em 1924 já possuía alguns poemas em que já podia ser visto o espírito modernista de 1922: “A mim parece bastante evidente que O Ritmo Dissoluto é um livro de transição entre dois momentos da minha poesia. Transição pra que? Para a afinação poética dentro da qual cheguei...” (BANDEIRA, 1984, p.75).

A frase “A poesia está em tudo – tanto nos amores como nos chinelos, tanto nas coisas lógicas como nas disparatadas”, extraída do *Itinerário de Pasárgada* (1984, p.19) resume uma importante característica da poética de Bandeira, a idéia de que a poesia está presente em qualquer situação, podendo ser retirada das coisas mais simples e cotidianas. Segundo Bosi (2006, p.361), Bandeira foi “talvez o mais feliz incorporador de motivos e termos prosaicos à literatura brasileira”.

O presente artigo pretende trazer uma análise do poema “Camelôs”, presente na obra *Libertinagem*. A análise ilustrará a simplicidade e espontaneidade presente na poética de Bandeira, que se explica, em parte, pela orientação estética das correntes modernistas. Para um melhor entendimento do trabalho será feito, inicialmente, um breve percurso histórico pelo modernismo, demonstrando o aperfeiçoamento poético que o autor foi adquirindo devido o contato com outros textos e escritores.

2- MANUEL BANDEIRA: BREVE PERCURSO HISTÓRICO PELO MODERNISMO

O movimento modernista desencadeou, nos artistas, uma grande reflexão sobre os novos rumos que a poesia estava se dispondo a traçar. O período anterior à Semana de Arte Moderna foi de transição entre as formas tradicionais e o mundo contemporâneo do poeta, exigindo dele um novo modo de expressão. Houve, então, uma conscientização de que a poesia exigia estudo, trabalho diário, aperfeiçoamento, era mais do que um depósito de emoções. Essa nova idéia do fazer poético teve início nos manifestos vanguardista de Mario de Andrade. A partir de então os poetas começaram a trocar informações entre si, por meio de correspondências, pedindo opiniões, certificando então a qualidade de seus escritos. Havia uma grande preocupação com o ritmo e o aperfeiçoamento do verso por meio da métrica, musicalidade e associação de sons. Este tipo de correspondência acabou tornando-se um instrumento de militância literária.

Segundo Antonio Candido (1977, p.10), os modernistas procuravam promover uma valorização diferente do léxico, sempre com o desejo de se atualizarem, exprimir a vida diária, dar

estado de literatura aos fatos da civilização moderna. Dessa forma não celebraram apenas a máquina, mas tomaram por temas as coisas quotidianas, descrevendo-as com palavras de todo dia, combatendo a literatura discursiva e pomposa, o estilo retórico e sonoro com que seus antecessores abordavam as coisas mais simples.

Manuel Bandeira tem como característica a constante experimentação e busca de diferentes tipos de expressão. Nessa incansável busca de aperfeiçoar seus versos e sua constante tarefa de buscar novos aprendizados, o poeta se cercou de vários contatos literários, que ajudavam na fundamentação de sua arte. O convívio com autores contemporâneos e de outras épocas, permitia a troca de informações e a soma de conhecimentos de grande utilidade à sua prática poética. No entanto, além de procurar ajuda para o aperfeiçoamento de sua arte, Bandeira também se dedicava a ler e dar opiniões sobre a poesia desses autores com quem trocava correspondências, tornando-as uma via de mão dupla.

Outro dia me encontrei na rua com Joaquim Cardoso, que me disse terem os versos dele sido mandados a você² para as suas edições. Com os poemas do Cardoso e os da Clarice Lispector a sua coleção adquire de saída uma grande classe. Estou interessadíssimo no seu empreendimento. Sugiro para depois o Prudente, o Nava, e o Aníbal Machado, enfim, os grandes bissextos. (SÜSSEKIND, 2001 p.50).

Segundo Arrigucci Jr, Manuel Bandeira se destacou entre os poetas do modernismo devido à naturalidade e extrema simplicidade de expressão, principalmente a partir da afirmação de sua obra madura, nas décadas de 20 e 30. Segundo o autor, à primeira vista não é visível a dificuldade de Bandeira, “não se nota o lírico ‘intratável’, mas a dicção límpida e aparentemente fácil, ainda mais se comparada, por exemplo, à expressão contraditória e paradoxal de Murilo ou a certas escarpas e perplexidades do discurso reflexivo de Drummond”. No entanto é justamente a simplicidade que evoca toda a complexidade do seu poema, criando um paradoxo que “depura a dificuldade em translucidez” (ARRIGUCCI, 2009, p.128).

O estilo humilde do poeta maduro, forjado para dizer o sublime através do simples, é um produto dessa liberdade e da moralidade contida nessa atitude diante da linguagem, única regra áurea no ofício do poeta. A partir dela, pôde criticar, muitas vezes com razão, cacoetes modernistas, ou excessos artificiais e amaneiramentos no uso da fala brasileira [...] O fato é que mantém sempre essa posição, o que fazia dele um poeta radicalmente moderno, herdeiro direto das ousadias da mescla lingüística herdada dos românticos,

² Trecho de carta de Manuel Bandeira a João Cabral de Melo Neto, 25 de novembro de 1947

radicalizada pelas vanguardas, e ao mesmo tempo um artista de equilíbrio clássico, resistente a toda prova. (ARRIGUCCI, 2009, p 140)

O aprendizado constante era a preocupação da poética desenvolvida por Bandeira, em que há a predominância de inovações vocabulares, mudanças rítmicas, experimentações lingüísticas, reforçando, dessa forma, sua capacidade inventiva de praticar uma arte que segundo Gilberto Mendonça Teles:

pressupõe virtuosidade e escolha, está centrada nos princípios de experimentação e escolha, assim como estes procedimentos pressupõem a esfera da competência, do saber cultural e técnico do artista, principalmente do poeta que imprime uma alta organização à linguagem do poema, valorizando os seus “pequeninos nadas” que se eletrizam no sentido da poesia. (TELES, 1998 pág. 106)

Para Sérgio Buarque de Holanda (apud MANFIO 1998, p. 171), o fio condutor da poesia bandeiriana, reside numa luta, sem tréguas, em busca da superação de si mesmo, e as etapas da trajetória poética revelam essa última preocupação. Em Manuel Bandeira, o esforço de uma renovação é uma constante. Os primeiros livros mostram que, na assimilação das tendências do simbolismo francês, do romantismo alemão e da tradição lírica portuguesa, já se esboçava o rompimento. Por outro lado, a aceitação das formas literárias no modernismo, não significou total adesão ao movimento. Isso pode ser notado em um dos seus relatos em “Itinerário de Pasárgada”:

Também não quisemos, Ribeiro Couto e eu, ir a São Paulo por ocasião da Semana da Arte Moderna. Nunca atacamos publicamente os mestres parnasianos e simbolistas, nunca repudiamos o soneto nem, de um modo geral, os versos metrificadas e rimados. Pouco me deve o movimento; o que eu devo a ele é enorme. Não só por intermédio dele vim a tomar conhecimento da arte de vanguarda na Europa (da literatura e também das artes plásticas na música), como me vi sempre estimulado pela aura de simpatia que me vinha do grupo paulista. (BANDEIRA, 1984 p.71/72)

É na obra *Libertinagem*, publicada em 1930 que o Modernismo é refletido com toda a sua força. Segundo Bandeira (1984, p.30), “A partir de *Libertinagem* é que me resignei à condição de poeta quando Deus é servido.”. A obra traz vários poemas que apresentam uma identidade nacional, no entanto, essas são características que continuarão aparecendo nas próximas obras,

acompanhadas das memórias de infância, a consciência da velhice, a lembrança da morte que há de vir, entre outros. Os poemas de *Libertinagem* foram escritos entre 1924 e 1930, período de muita força do movimento modernista. O próprio Bandeira admite, no Itinerário de Pasárgada, que esses foram “os anos de maior força e calor do movimento modernista. Não admira, pois, que seja entre os meus livros o que está mais dentro da técnica e da estética do modernismo”. (1984, p.91).

3- “CAMELÔS”: OS DEMIURGOS DE INUTILIDADES

De acordo com Gilberto Mendonça Teles, a poética de Bandeira se produziu em torno de um motivo fundador, a doença e seus correlatos: o medo da morte na adolescência, a tristeza persistente, e ao longo da vida o sentido de solidão que o tornou, assim como todo poeta, amigo do silêncio. Segundo o autor há em *Libertinagem* uma temática escapista, que permeia toda a obra por meio das referências à infância, à alegria, ao anjo da guarda, aos animais ligados à meninice.

O crítico Alfredo Bosi, em sua *História concisa da literatura brasileira*, escreve: [...] veremos que a presença do biográfico é ainda poderosa mesmos nos livros de inspiração absolutamente moderna, como *Libertinagem*, núcleo daquele seu não-me-importismo irônico, e, no fundo, melancólico, que lhe deu uma fisionomia tão cara aos leitores jovens desde 1930. O adolescente mau curado da tuberculose persiste no adulto solitário que olha de longe o carnaval da vida e de tudo faz matéria para os ritmos livres do seu obrigado distanciamento. (BOSI, 1994:362)

Como exemplo dessa temática que permeia a obra “*Libertinagem*” temos o poema “Camelôs”.

Camelôs

Abençoado seja o camelô dos brinquedos de tostão:
O que vende balõeszinhos de cor
O macaquinho que trepa no coqueiro
O cachorrinho que bate com o rabo
Os homenzinhos que jogam boxe
A perereca verde que de repente dá um pulo que engraçado
E as canetinhas-tinteiro que jamais escreverão coisa alguma.

Alegria das calçadas

Uns falam pelos cotovelos:

- "O cavaleiro chega em casa e diz: Meu filho, vai buscar

um pedaço de banana para eu acender
o charuto. Naturalmente o menino pensará: Papai está malu..."

Outros, coitados, têm a língua atada.

Todos porém sabem mexer nos cordéis com o tino ingênuo de demiurgos de inutilidades.

E ensinam no tumulto das ruas os mitos heróicos da meninice...

E dão aos homens que passam preocupados ou tristes uma lição de infância.

Pode-se notar que este poema traz uma temática muito recorrente na poética de Bandeira: o cotidiano representado pela infância. Observa-se que o poema possui versos livres, sem esquemas de rimas ou metrificação, característica comum do modernismo, há também um tom coloquial e inesperado. Segundo Antonio Candido (1977), os modernistas usaram desde o verso livre marcadamente ritmado, dotado de harmonia e melodia, até o verso livre prosaico, quase se confundindo com o ritmo da prosa, para mostrar que a poesia está na essência do que é dito e na sugestão, ou no choque das palavras escolhidas, não nos recursos formais. O poema *Camelôs* é composto por três estrofes, formando um total de 17 versos. Segundo Arrigucci Jr.:

Bandeira, poeta ponte na passagem da poesia brasileira para a modernidade, foi quem primeiro assimilou organicamente a inovação técnica à sua linguagem pessoal, buscando novos rumos mediante novos instrumentos. Em suas mãos o verso livre se fez o meio exato de expressão e descoberta de uma poesia que era possível *desentranhar* do mais humilde cotidiano. (Arrigucci Jr. , 2009, p.59)

A primeira estrofe apresenta o tema principal do poema, a importância dos camelôs, vendedores ambulantes, que estão no primeiro verso relacionado com a palavra “abençoado”, apesar de ser uma categoria inicialmente sem muita relevância. A frase inicial do poema, “Abençoado seja”, remete a uma expressão bíblica, elevando dessa forma a função dos Camelôs a uma atividade importante e louvável da sociedade, como um elemento que merece destaque, de forma que o tom bíblico eleva os camelôs a seres divinos que possuem nas mãos os dons, em especial a arte de lidar com os sonhos das pessoas, como veremos mais ao fim do poema.

Do verso 2 ao 7 observa-se um paralelismo sintático, todas as orações possuem um sujeito que desencadeia ações, estando quase todos esses sujeitos acompanhados do sufixo –inho. Os brinquedos, balõeszinhos, macaquinho, cachorrinho, homenzinhos, perereca e as canetinhas estão nos versos colocados em relação metonímica, representando a banca de camelô em seu geral.

Os usos do diminutivo além de formar rimas internas também remetem ao universo infantil, a uma forma carinhosa, e também a um uso informal da linguagem utilizada no dia-a-dia.

A segunda estrofe possui 5 versos e começa a caracterizar os camelôs, o primeiro afirma que esses vendedores são a alegria das calçadas, o segundo afirma que alguns desses vendedores “falam pelos cotovelos”, expressão popular que também enfatiza o ambiente descrito no poema. O terceiro verso inicia-se com um travessão, o eu lírico cede voz ao camelô que conta uma anedota em que há o diálogo entre dois personagens: pai e filho. Esse dado colhido do ambiente observado pelo sujeito lírico empresta ao poema uma expressão de registro do cotidiano.

A fala do vendedor apresenta características do universo infantil, a relação hierárquica entre pai e filho apresentado por meio de um nonsense, o fato do pai pedir uma banana para acender o seu charuto. A relação entre pai e filho é representada pela palavra “maluca” que aparece incompleta, seguida por reticências, o filho não termina seu pensamento em respeito ao pai. Observa-se que há quatro tipos de narrações nessa estrofe, nela encontra-se a voz do eu - lírico, do camelô, do pai e do filho. A fala do camelô representa bem a expressão “falar pelos cotovelos”, pois está empregada no poema como um versinho utilizado pelo vendedor para chamar a atenção dos que passam pela rua.

A terceira estrofe continua a descrever os camelôs, dessa vez os que possuem “a língua atada”, outra expressão de uso corriqueiro. Os vendedores mais calados são apresentados pelo eu - lírico como coitados, mas que todos, porém, possuem tino de demiurgos. A palavra demiurgo significa de acordo com o dicionário eletrônico Houaiss “Artesão divino ou princípio organizador do universo, criador de qualquer obra grandiosa ou de importância”. Dessa forma, “demiurgo”, relaciona-se à palavra “abençoados” utilizada na primeira estrofe, tendo em vista que os dois se referem ao sagrado, mesmo os camelôs sendo vistos como uma categoria sem muita importância. Pode-se notar também uma antítese “demiurgos de inutilidades”, essa expressão enfatiza a capacidade desses vendedores em transformar coisas inúteis em algo grandioso, com o intuito de persuasão, característica essencial para este trabalho. No entanto nos dois últimos versos percebe-se que a grandiosidade dos camelôs está no ensinamento que dão aos que passam pela rua tumultuada, “ensinam os mitos heróicos da meninice...”

No momento em que são equiparados a algo divino, os camelôs passam a possuir a capacidade de transformar o ambiente caótico em que trabalham, representando a vida das grandes cidades, em um momento de retorno a infância por meio da memória dos que passam por ali. Essa memória é ativada por meio dos dizeres desses trabalhadores e das “inutilidades” por eles vendidas, inutilidades essas que nas mãos desses camelôs tornam-se algo de um grande cunho sentimental, pois remetem a um passado feliz.

O poema possui uma tensão implícita em seus versos, apesar de remeter a uma linguagem infantil, não são destinados essencialmente às crianças e sim aos adultos. Na primeira estrofe há uma construção de imagens vinculadas ao universo infantil, os macaquinhos, cachorrinho, homenzinhos, perereca, canetinhas, remetem às brincadeiras infantis como subir em árvores, brincar com o cachorro, pular, desenhar. Todas essas figuras acompanhadas da fala dos camelôs invadem o imaginário do homem que passa pela rua, e o vendedor se transforma no responsável por todas essas lembranças. O camelô passa a ser não simplesmente um persuasor para que comprem seus produtos, mas uma figura que faz com que quem passe pela rua reflita sobre sua condição enquanto adulto que é, e criança que foi.

Deixando um pouco de lado os aspectos formais, pode-se relacionar a função dos camelôs à dos próprios poetas. Bandeira por ter uma origem clássica procurava desautomatizar sua escrita, a simplicidade refletia para ele o verdadeiro significado da poesia. Pensando nos poetas como criadores de “inutilidades” capazes de transmitir pequenas doses de alegria, e de preencher palavras soltas de múltiplos sentidos, pode-se equiparar a sua função à dos camelôs. Bandeira constrói a partir do universo festivo da rua uma imagem do poeta como sendo o próprio camelô, criador de sonhos e lembranças, “com o tino ingênuo de demiurgos de inutilidades”, capazes de, mesmo que de forma inconsciente, “ensinar os mitos heroicos da meninice”.

O poema reflete sobre a força implícita nas coisas banais, sobre capacidade de transformação de imagens cotidianas em imagens extremamente significativas. Assim como diz Octávio Paz (1982, p.15,16), a poesia é capaz de transformar o mundo, revelar este mundo, criar outro, faz o homem adquirir a consciência de ser mais que passagem. Bandeira demonstra esta força por meio da imagem dos camelôs, simples vendedores capazes de despertar no homem a lembrança das coisas boas da vida, dos tempos de meninice, humanizando-os. Assim como os camelôs do poema, os poetas conseguem, por meio das palavras, discorrer sobre sonhos, realidades, anseios, ideias, despertando sentimentos e emoções.

“Camelôs” traz um dos temas recorrentes em Manuel Bandeira, a descrição de cenas cotidianas, além do resgate da infância como um meio de retornar e eternizar a sua própria infância e as cenas presenciadas por ele. Os camelôs são figuras presentes no cotidiano de grandes cidades por onde o poeta morou como Rio de Janeiro e Recife, sendo que quando esse poema foi escrito, Bandeira ainda morava na Rua do Curvelo (RJ). Segundo o poeta o morro do Curvelo, como ele chamava o seu apartamento, era pelo lado dos fundos seu posto de observação da pobreza mais dura e mais valente, e pelo lado da frente era zona de convívio com a garotada que infestava-lhe as janelas, quebrando as vidraças, mas restituindo de certa forma o seu clima de meninice da rua da União em Pernambuco.

Não sei se exagero dizendo que foi na Rua do Curvelo que aprendi os caminhos da infância. A Rua do Curvelo ensinou-me muitas coisas. Couto foi avisada testemunha disso e sabe que o elemento de humilde quotidiano que começou desde então a se fazer sentir em minha poesia não resultava de nenhuma intenção modernista. Resultou muito simplesmente, do ambiente do morro do Curvelo. (BANDEIRA, 1984:64,65)

O mundo infantil é valorizado por Manuel Bandeira, que o utiliza como matéria poética, dando maior riqueza lírica a seus trabalhos. Este universo é visto em sua obra de maneira lúdica e feliz, remetendo a um tempo bom, de brincadeiras e cantigas. Em uma passagem de seu Itinerário de Pasárgada, o poeta nos revela a extrema importância que a infância exerceu sobre ele: “Quando comparo esses quatro³ anos de minha meninice a quaisquer outros quatro anos de minha vida de adulto, fico espantado com o vazio destes últimos em cotejo com a densidade daquela quadra distante.” (BANDEIRA, 1984: 21).

Essa presença da infância como forma de lembrança acontece de acordo com Alfredo Bosi como:

resposta ao ingrato presente é, na poesia mítica, a ressacralização da memória mais profunda da comunidade. E quando a mitologia de base tradicional falha, ou de algum modo já não entra nesse projeto de recusa, é sempre possível sondar e remexer as camadas da psique individual. A poesia trabalhará, então, a linguagem da infância recalçada, a metáfora do desejo, o texto do inconsciente, a grafia do sonho: (...) A poesia recompõe cada vez mais arduamente o universo mágico que os novos tempos renegam. (BOSI, 2000 : 174)

De acordo com Arrigucci Jr (2009 : 203), as imagens presentes nos poemas de *Libertinagem*, fazem parte de uma matéria extremamente pessoal e íntima, mas ao mesmo tempo histórica, dependente de um desígnio programático bastante acentuado, no sentido de recuperação do passado histórico e da tradição popular, como uma forma de tomada de consciência da realidade brasileira em todas as suas dimensões.

Ele podia, assim, reaprender os caminhos da infância distante e debruçar-se sobre o grande mundo, para o qual, já maduro e experiente, abria o espaço da intimidade – o quarto, onde pode resumir o passado, assimilando longamente o vivido ao universo da experiência pessoal, e onde se pôs em contato com o que vinha de fora, as novidades e circunstâncias do presente imediato. (ARRIGUCCI, 2009 : 203)

³ Bandeira refere-se ao tempo entre os 6 e 10 anos de idade.

Gilberto Freyre afirma que há um concílio entre os dois extremos do gênio poético de Manuel Bandeira, a do menino de oito anos, e a do homem maduro. O menino acordado, o menino de olhos abertos para a vida e para o mundo, o menino que via o fim das festas de São João e surpreendia as moças nuinhas no banho no Capibaribe, era o menino já com oito anos. “Aurora da vida!” Aurora clara da vida. Essa aurora que na poesia de Manuel Bandeira tem resistido ao crepúsculo. Em vão o espelho veio dizer ao homem de cinquenta anos que começava a envelhecer.

Que não morreria, em Bandeira, nem no homem de cinquenta, nem no de sessenta, nem no de setenta, nem no de oitenta. Que não morrerá no de noventa. Pois ‘...não morrerá senão comigo/ O menino que todos os anos na véspera de natal/ Pensa ainda em pôr os seus chinelinhos atrás da porta’”. (FREYRE, 1987, p.165)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento modernista trouxe aos poetas da época uma preocupação maior com as novas formas de expressão que estavam surgindo. O entendimento da poesia como algo que exige suor, trabalho e estudo, fez com que estes poetas começassem a trocar seus escritos entre si com o intuito de difundir conhecimentos, ideias e conseqüentemente aperfeiçoar seus escritos. Uma das formas utilizadas pelos modernistas para combater o modelo clássico era a celebração das cenas cotidianas, por meio de palavras corriqueiras, contrastando-as com a linguagem pomposa utilizada por seus antecessores.

Manuel Bandeira foi um dos poetas que se destacaram dentre os modernistas. Sempre buscando o constante aperfeiçoamento de sua arte, o poeta manteve contato com grandes escritores com o intuito de encontrar subsídios que o ajudassem em sua prática poética. Seu destaque se deu devido à naturalidade e simplicidade com que se expressava, procurando sempre superar-se a si mesmo. Em seus poemas encontram-se inovações vocabulares, experimentações linguísticas e o constante uso dos versos livres.

A obra *Libertinagem* de 1930, é a que mais reflete o movimento modernista, sintetizando as aspirações revolucionárias da fase heroica do modernismo brasileiro. Bandeira relatou em seus poemas um país que começava a perder-se em meio à globalização, avanços tecnológicos, a urbanização, a pressa do dia-a-dia. Um dos grandes temas recorrentes na poesia de Bandeira é a infância, o poeta utiliza suas recordações de menino como uma forma de enriquecer

sua matéria poética. Essas lembranças cristalizam-se nos versos de Bandeira como momentos felizes perdidos no tempo.

Este trabalho procurou demonstrar a partir da análise do poema “Camelôs” a forma como Bandeira desenvolvia a sua arte, retirando do cotidiano mais prosaico uma poética sublime. Com base na simplicidade o poeta constrói uma poesia realizada por meio de uma mescla estilística inovadora e moderna, que ele humildemente diz ter feito não com intenções modernistas, mas simplesmente por meio do que vivenciava de sua janela, no morro do Curvelo.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR., Davi. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. 2.ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem & Estrela da Manhã*. 16.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

BANDEIRA, Manuel. *A cinza das horas, Carnaval e O Ritmo dissoluto*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2006.

BANDEIRA MANUEL. *O itinerário de pasárgada*. 5 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

BOSI, Alfredo. *Poesia e resistência*. In: *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CANDIDO, Antonio e CASTELLO, J. Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: o Modernismo*. 6 ed. São Paulo: Difel, 1977.

FREYRE, Gilberto. *Perfil de Euclides e outros perfis*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

MANFIO, Diléa Zanoto. *Fichas de Recepção e Crítica*. In: *Libertinagem & Estrela da Manhã*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SÜSSEKIND, Flora. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

TELES, Gilberto Mendonça. *A Experimentação poética de Bandeira em Libertinagem e Estrela da manhã*. In: *Libertinagem & Estrela da Manhã*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.